



VALSA Nº 6 E O SURGIMENTO DE UM CORPO HISTRIÔNICO

Autora: Monique Ferreira¹

Resumo

A presente comunicação propõe o compartilhamento de uma leitura dramatizada, ainda em estágio experimental, de um trecho da peça *Valsa nº 6* (1951), de Nelson Rodrigues, bem como a exposição do processo criativo envolvido em sua construção. A pesquisa de doutorado visa analisar a representação do Corpo Histrionico nas personagens femininas rodriguianas, com ênfase na figura de Sônia, protagonista da referida obra, com a orientação da Professora Doutora Isa Etel Kopelman.

Palavras-Chave: Corpo Histrionico, Nelson Rodrigues, Processo Criativo, Teatro Brasileiro.

Em 1951, Nelson Rodrigues estreou *Valsa nº6*, o primeiro e único monólogo de sua autoria. A obra teve sua estreia no Teatro Serrador, no Rio de Janeiro, sob a direção de uma mulher, Henriette Morineau e com atuação de Dulce Rodrigues. Apesar de se tratar de um monólogo, Nelson a singularidade da obra:

Valsa nº 6 é menos parecida com outro monólogo do que uma máquina de escrever com uma máquina de costura. Coloquei uma morta em cena porque não vejo obrigação para que uma personagem seja viva. Para o efeito dramático, essa premissa não quer dizer nada. Achei, sempre, que um dos problemas práticos do teatro é o excesso de personagens. Entendo, no caso, por excesso, mais de uma. Pensei, por isso, há muito tempo, na possibilidade de tal simplificação e despojamento, que o espetáculo se concentrasse num único intérprete. Um intérprete

¹ Monique Ferreira é atriz e doutoranda em Artes da Cena pela Unicamp. Atualmente pesquisa o corpo histrionico nas personagens femininas de Nelson Rodrigues, com foco em Sônia, de *Valsa nº 6*. No mestrado, aprofundou os estudos sobre o universo rodriguiano e a recepção de suas obras. E-mail: c149147@dac.unicamp.br.



Seminário de Pesquisas MARIO SANTANA PPG Artes da Cena - IA - UNICAMP

múltiplo, síntese não só da parte humana como do próprio décor e dos outros valores da encenação. Uma pessoa individuada — substancialmente ela própria — e ao mesmo tempo uma cidade inteira, nos seus ambientes, sua feição psicológica e humana. (RODRIGUES apud RODRIGUES, 2012, p. 85-86).

Valsa n° 6 narra a história de Sônia, uma jovem de 15 anos que foi assassinada e que, ao despertar após a morte, não possui memória do ocorrido nem de sua própria identidade. Ao longo da peça, ela busca reconstruir sua história por meio de imagens, fragmentos e enunciados de lembranças associadas às pessoas que a cercam — Dr. Junqueira, a Mãe, o Pai, a Bruxa, Paulo, entre outros. É esse conjunto de vozes plurais que constitui a polifonia da obra. Algumas rubricas também se transformam em enunciados da intérprete. Esse lugar de fala me permite tanto aproximar-me quanto distanciar-me das situações apresentadas na peça.

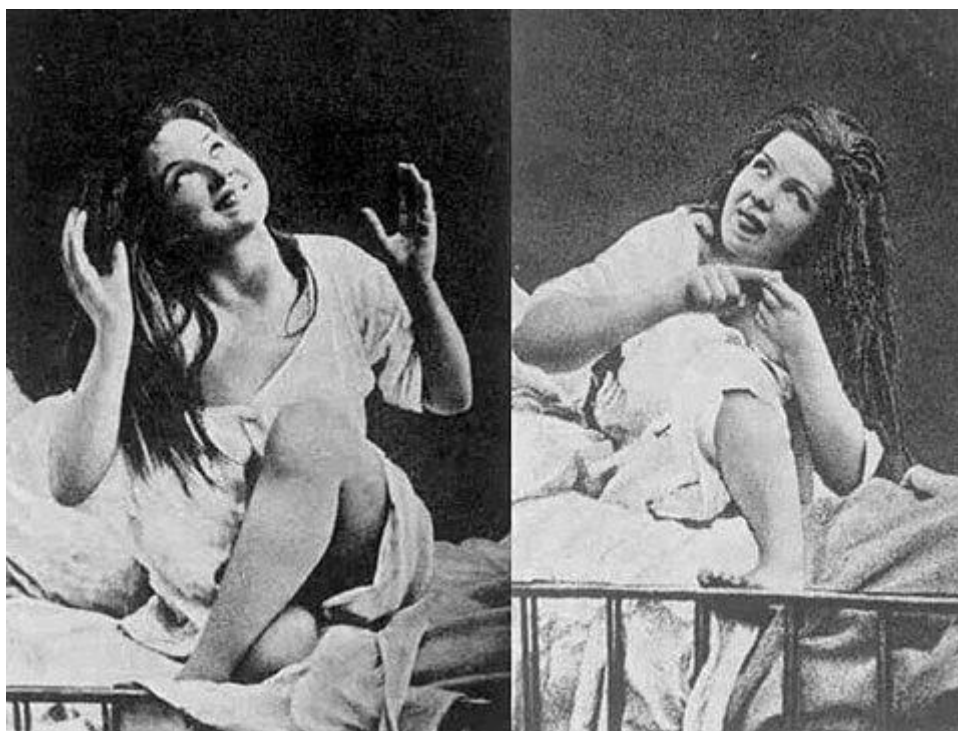
Tenho utilizado a ideia de polifonia, desenvolvida por Mikhail Bakhtin (1895–1975), filósofo russo, para elaborar as enunciações de Sônia: “a multiplicidade de vozes e consciências independentes e imiscíveis e a autêntica polifonia de vozes plenivalentes” (BAKHTIN, 2010, p. 23). Embora Bakhtin discorra sobre o conceito de polifonia na literatura dostoievskiana, aproximo essa noção da presente criação cênica. Essa polifonia de vozes e personagens, interpretadas por mim, constitui o que tenho denominado de Corpo Histriônico.

A pesquisa sobre a dramaturgia, contudo, não se restringe à ideia de montagem, mas propõe uma investigação que compreende os diversos encadeamentos dos processos de criação e dos dispositivos de controle social. Nesse sentido, a escolha da obra de Georges Didi-Huberman, *A invenção da histeria*, será incorporada à pesquisa tanto pelo esclarecimento que oferece sobre os mecanismos de controle clínico do corpo feminino — a partir da construção da histeria na psicologia e na psiquiatria, que dialoga diretamente com a condição da personagem de Nelson Rodrigues e com o diagnóstico formulado por um médico homem — quanto por fornecer material imagético sobre as configurações desses corpos subjugados e forçados a uma condição que, mais do que patológica, é socialmente construída. O livro aborda, de forma crítica e psicanalítica, a iconografia do



médico Jean-Martin Charcot, que registrou imagens de mulheres em supostos ataques histéricos no hospício de La Salpêtrière, publicadas em Paris entre 1875 e 1880.

1 - Atitudes Passionais, Êxtase (1878)



Fonte: DIDI-HUBERMAN, George. *Atitudes Passionelles. Êxtase*. 1878. Fotografia 1. pag 206 e 207

Atualmente, o termo “histeria” foi descartado da nomenclatura psiquiátrica e substituído por diagnósticos mais específicos, como transtornos de ansiedade, epilepsia e depressão, que acometem tanto mulheres quanto homens. No entanto, a palavra “histérica” ainda é frequentemente utilizada de forma pejorativa para caracterizar mulheres que expressam emoções intensas ou que desafiam normas sociais e morais. A persistência desse estigma revela não apenas um viés de gênero profundamente enraizado na cultura, mas também a continuidade de um discurso histórico que associa o feminino à irracionalidade e à instabilidade emocional.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra de Nelson Rodrigues, frequentemente alvo de críticas por seu tom ácido e por transitar entre a denúncia, a reencenação e a alegorização da violência, pode ser compreendida como um documento da vida cotidiana nas metrópoles brasileiras. Suas peças revelam traços estruturantes da sociabilidade nacional, razão pela qual permanecem atuais — ainda que exijam, na contemporaneidade, uma leitura crítica e cuidadosa, a fim de evitar a reprodução de estereótipos sobre as experiências sociais femininas.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução, introdução e notas de Paulo Bezerra. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *A invenção da histeria: Charcot e a iconografia fotográfica da Salpêtrière*. Tradução de Cláudia Cavalcanti. Rio de Janeiro: Editora 34, 2015.

RODRIGUES, Nelson. *Teatro Completo I: Peças Psicológicas*. Organização e Introdução: Sábato Magaldi. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.